

**FACULDADES SÃO JOSÉ  
CURSO DE PEDAGOGIA**

ANNA CAROLINA SILVA DE ALMEIDA, LETÍCIA DO NASCIMENTO  
GRAÇANO  
NACYRA LUCENA

**O LÚDICO NO DESENVOLVIMENTO DE CRIANÇAS AUTISTAS.**

Rio de Janeiro

2019

# **O LÚDICO NO DESENVOLVIMENTO DE CRIANÇAS AUTISTAS**

## **THE LÚDICO IN THE DEVELOPMENT OF AUTISTIC CHILDREN**

**ANNA CAROLINA SILVA DE ALMEIDA**  
**LETÍCIA DO NASCIMENTO GRAÇANO**

**MS NACYRA LUCENA**

### **RESUMO**

O brincar de crianças autistas é visto como algo peculiar. O presente artigo tem como foco analisar a relação do lúdico com o desenvolvimento destas crianças, ou seja, por meio do uso de jogos, brinquedos e brincadeiras, contribuindo para que socializem com outras pessoas e proporcionando a criança um agir espontâneo, além de fazer com que percebam e desenvolvam suas habilidades. Um dos objetivos é identificar as particularidades delas no âmbito escolar, apontando atividades lúdicas e práticas docentes mais adequadas. Abordando o seguinte questionamento: A presença do lúdico interfere positivamente no desenvolvimento de crianças autistas? Para a metodologia optou-se pela pesquisa de campo, utilizando um questionário a ser respondido por professores de diversas unidades escolares. Sendo assim, foi possível obter resultados relevantes indicando a importância do lúdico na aprendizagem do autista.

**Palavras-chave: Lúdico, autismo, desenvolvimento.**

### **ABSTRACT**

Playing autistic children is seen as something peculiar. The aim of this article is to analyze the relation between the playfulness and the development of these children, that is, through the use of games, toys and games, helping them to socialize with other people and providing the child with a spontaneous act, who realize and develop their skills. One of the objectives is to identify the particularities of them in the school scope, pointing out ludic activities and more appropriate teaching practices. Addressing the following question: Does the presence of the playful interfere positively in the development of autistic children? For the methodology the field research was chosen, using a questionnaire to be answered by

teachers from different school units. Thus, it was possible to obtain relevant results indicating the importance of the playful in autistic learning.

**Key-words: Ludic. Autism. Development.**

## **INTRODUÇÃO:**

O presente artigo tem como tema a relação entre a ludicidade e o autismo, a fim de ressaltar o brincar como forma de desenvolvimento e favorecimento. O brincar de crianças autistas é descrito como algo restrito e peculiar. O lúdico pode contribuir no processo de socialização, e brincando, a criança autista fica aberta a sua imaginação e desenvolve de forma espontânea. Neste momento, professores, responsáveis, mediadores, psicólogos, pedagogos observam suas potencialidades.

A atual nomenclatura Transtorno do Espectro Autista (TEA) possibilita a abrangência de todos os níveis de autismo, do leve ao severo, mediante ao diagnóstico precoce, educação e tratamento especializado é possível a melhoria da qualidade de vida em qualquer nível de comprometimento.

Visto que a ludicidade é uma necessidade humana e indissociável do processo de aprendizagem, ela não deve ser vista apenas como diversão ou momentos de prazer e sim apresentada como ferramenta de ensino. Abordaremos o seguinte questionamento: A presença do lúdico interfere positivamente no desenvolvimento de crianças autistas?

Tendo como objetivo geral nesta pesquisa, analisar a relação do lúdico com o desenvolvimento de crianças autistas. Bem como, identificar as particularidades da criança autista no âmbito escolar, apontar atividades lúdicas e ações docentes mais adequadas para o desenvolvimento da criança autista e verificar como o lúdico interfere positivamente no desenvolvimento da criança autista.

Este tema foi escolhido a fim de contribuir para uma melhor ação interdisciplinar e uma educação mais sensibilizada e lúdica ao grupo de crianças autistas. Afinal, sabemos o quanto é difícil incluir um aluno e o quanto a sociedade está despreparada ao encontrar alguém que não se enquadra nos estereótipos por ela criada.

No ambiente escolar onde a criança ficará maior parte do tempo, por meio do lúdico, é possível avaliar, aprender, conhecer, explorar e no mesmo espaço ser dirigida pelo professor.

Acredita-se, levando em consideração a problemática da pesquisa, que nos traz como o lúdico pode interferir positivamente no desenvolvimento da criança, que o elemento lúdico na educação é capaz de promover uma flexibilidade e a expansão do pensamento, devido ao estímulo da criatividade e curiosidade. Se a criança autista se sentir segura, ela irá explorar novas possibilidades e desenvolver brincando suas habilidades.

Optou-se nesta abordagem, pela pesquisa bibliográfica e descritiva sobre o tema, em livros, artigos científicos localizados na internet e na biblioteca, com intuito de conhecer a interferência do lúdico no desenvolvimento de crianças autistas. Inclui-se uma pesquisa de campo, a fim de obter comprovações, de forma quantitativa através de um questionário fechado de perguntas objetivas e respostas diretas, e qualitativa voltada para compreender atitudes, motivações e comportamentos.

## **FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA**

Tendo em vista a relação entre o autismo e ludicidade, considerando o quão importante é o lúdico para o desenvolvimento e aprendizagem, transformando a criança e possibilitando em relação ao seu meio.

O autismo, configurando-o como um transtorno que afeta a linguagem, o desenvolvimento cognitivo e intelectual e a capacidade de estabelecer relações pessoais. Sabendo disso, é preciso cautela, pois tudo que é novo pode lhe gerar aversão, mas é necessário. O educador deve manter-se atento aos indícios, é normal para a criança autista o que pode não ser para outras.

Segundo Cunha (2016a, p. 90) “O professor tem de aprender a lidar com a realidade do mundo autístico. Nessa relação quem aprende primeiro é o professor e quem vai ensinar-lhe é o aluno.”

No âmbito escolar, o lúdico poderá interferir na flexibilidade da criança autista, de modo que práticas pedagógicas podem chamá-las para dentro de sala de aula, oferecendo-lhes oportunidades de opinarem e estimularem a relação com outros alunos, já que a escola provavelmente será seu primeiro contato social, depois da família. O uso de materiais visuais pode vir a facilitar a comunicação, se o mesmo se recusar a falar, as peculiaridades do autista pedem recursos e estratégias adequadas.

Estimular a necessidade de conversação do autista; deixá-lo motivado a dar vida ao seu desejo. Falas objetivas são bem mais compreendidas. Nem sempre, o autista compreende as expressões subjetivas ou do tipo “não faça isso!”. O melhor é mostrar-lhe o que fazer, dando funcionalidade às ações. É importante redirecionar sua atenção para uma atividade pedagógica, não valorizando as reações disruptivas. (CUNHA, 2016a, p.92).

O foco deve ser o processo de aprendizagem e não os resultados, a criança autista aprende de maneira singular. O mesmo deve manusear e saber o objetivo, explorando o ambiente pedagógico, para que segure os alunos, tornando divertido e desafiador.

Segundo Macedo, Petty e Passos (2005, p.17) “Em jogos e brincadeiras, as crianças são sérias, concentradas e atentas. Elas não se perdem em conversas paralelas permanecendo interessadas e envolvidas nas atividades.” O brincar representa um papel importantíssimo para o desenvolvimento da criança autista contribuindo para sua socialização, gerando efeitos positivos na sua aprendizagem e estimulando suas habilidades.

O brincar sempre existiu, porém não víamos esta atividade como modo de ensino. Às vezes responsáveis não possuem o conhecimento do valor desse momento para o desenvolvimento da criança. Também, muitos educadores alegam a falta de tempo.

No cotidiano escolar, o brincar tem sido pouco presente, (...). Pensar na atividade lúdica como meio educacional significa pensar menos no “brincar por brincar” e mais como instrumento de trabalho, como meio para atingir objetivos preestabelecidos. (FRIEDMANN, 2006, p.23)

Na mesma linha de pensamento temos Vygotsky a favor da interação e brincadeira criando uma forma de desenvolvimento proximal relacionado ao que a criança consegue fazer individualmente ou com a interferência de algo/alguém como auxílio, quando ele discute o papel do brinquedo geralmente está associado ao “faz de conta”, onde a criança se comporta de maneira mais avançada com o brinquedo.

A ação mediada na Zona de Desenvolvimento Proximal desperta processos internos diversos e executa funções e processos até então não maduros no aluno, auxiliando o professor, enquanto agente de mediações, como um instrumento importante em seu trabalho, levando-se em conta as mediações históricos-culturais presentes em situações e contextos escolares. (ÖRRÚ, 2012, p.98)

Este assunto não se limita apenas a incluir, pois a inclusão vai muito além da estrutura e atuação dos profissionais. A participação da família é fundamental para o desenvolvimento dos filhos, seja autista ou não, a união com a escola é essencial para se obter resultados positivos no processo da aprendizagem, respeitando o seu limite, facilitando no seu relacionamento interpessoal e despertar na sociedade atitudes de saber, compreender e conviver com as diferenças da criança com autismo.

## **1. Particularidades da criança autista no âmbito escolar**

O ambiente escolar é fundamental para os alunos, perante a lei todos tem o direito de receber benefícios oferecidos na rede regular de ensino. De acordo com a Constituição Federal da República Federativa do Brasil (1988) no Cap.III, Artigo 208 assegura que, “o dever do Estado com a Educação será efetivado mediante a garantia de: [...] III – atendimento educacional especializado as pessoas com deficiência, preferencialmente na rede regular de ensino”.

A educação não pode ser vista como algo institucional, mas sim humano, sem restrição desse direito e para proteger os autistas em 2012 ocorreu um grande avanço, a Lei chamada Berenice Piana, nº 12.764 que trouxe inúmeras conquistas para o aluno com TEA no âmbito escolar, reafirmando que o mesmo é considerado pessoa com deficiência para todos os efeitos legais e quando necessário deverá ter o apoio de um mediador, lembrando também que nenhum gestor escolar ou autoridade poderá recusar a matrícula, a fim de preservar a integridade física e moral do aluno, promover o desenvolvimento de sua personalidade, segurança e lazer.

Todos os ambientes devem trabalhar com a inclusão, sendo assim uma escola inclusiva é indispensável para o engrandecimento das habilidades da criança autista.

A escola deve garantir que a estrutura e profissionais sejam qualificados, gerando suporte individualmente com planejamento e ações referente à realidade do aluno. A partir de uma avaliação diagnóstica com intuito de investigar as características e necessidades, é possível promover uma intervenção adequada desta criança autista no ensino regular. É de grande importância a presença da criança autista na escola, já que hoje muitas delas com deficiência ou não, por conta da tecnologia avançada se isolam e não possuem outros contatos, sendo toda atividade diferenciada feita na escola, então se a mesma não tem os devidos recursos, as crianças tendem a ficar ainda mais monótonas e ligadas ao celular, sem contar que para família os indícios podem não ser tão perceptíveis, pois geralmente estão sempre mediando às ações da criança pequena.

Prevalece um pouco assustadora a imagem de um “autista clássico” para muitos professores que esperam em sala uma criança que se debate contra a parede, têm movimentos esquisitos e ficam balançando o corpo sem olhar diretamente aos olhos do próximo, essa moldura revela desinformação a respeito do transtorno, que possui como maior desafio a comunicação, é fato que por meio da linguagem que o ser humano realiza a interação tanto social como cultural, mas é neste ponto que se concentra o maior obstáculo no autismo, visto que as crianças autistas dificilmente vão se comunicar, porém verbalizam.

Quando um espectro entra em cena na sala de aula o desafio se torna ainda maior visto que cada indivíduo reage de uma maneira a um ensinamento, eles possuem interesse em objetos específicos que não despertariam curiosidade em outras crianças, gostam de uma rotina estabelecida, sem uma rigidez excessiva e não são receptivos às mudanças, alguns não obedecem quando chamados pelo nome, eles são insistentes, às vezes agressivos, sabem da importância do contato físico, mas resistem a isso.

O autismo atinge com frequência o sexo masculino, em casos femininos geralmente são mais severos, dado que o TEA só deve ser diagnosticado após os três anos de idade, o mesmo pode vir associado ao déficit de atenção, hiperatividade,

deficiência intelectual, dislexia, ansiedade, depressão, dificuldades de coordenação e outros.

Uma sala de aula pode ser exorbitante para uma criança autista assim como ir ao shopping, ao mercado, sua percepção sensorial é diferente das outras, sentidos como audição, olfato, paladar, toque, sensações que passam despercebidas no dia a dia podem ser super estimulador como diversas pessoas falando, celulares tocando, luzes fortes, crianças chorando, cheiro acentuado, música, todos estes fatores podem afetar o comportamento do autista. Este ambiente é vasto de informações sensoriais que precisam ser organizadas, caso contrário, a atenção vai de um ponto a outro sem conseguir focar e aprender com as interações do local.

É necessário que o professor se mantenha atento e saiba distinguir o que o aluno consegue fazer e o que ele não quer fazer, uma vez que a criança pode apenas não estar compreendendo o comando. O autista é um pensador concreto, então dificilmente irá entender o sentido oculto da palavra, quando se trata de uma criança menos ainda, nenhuma delas quer receber uma chamada “bronca” por comportamentos negativos, autistas querem verdadeiramente interagir de maneira apropriada, mas não sabem comunicar seus desejos ou não entendem o que se espera. O aconselhável é olhar além do comportamento para encontrar sua fonte de resistência, o que aconteceu minutos antes, quem estava envolvido, horário e ambiente, pois pode ser um padrão que geram determinadas atitudes.

O primeiro passo está na avaliação para saber quais habilidades necessitam ser conquistadas e quais aptidões básicas, motoras e acadêmicas necessitam ser desenvolvidas. Em uma criança típica, alguns detalhes nem sempre se privilegiam, como a interação espontânea, as respostas a estímulos afetivos ou a comunicação. Todavia, na maioria dos casos, habilidades naturais devem ser priorizadas em alunos com necessidades educativas especiais.  
(CUNHA, 2016a, p.29)

O educador facilita a aprendizagem e o brinquedo ou qualquer outro objeto facilita o brincar, a criança autista para ser incluída depende da criatividade do professor, o mesmo tende a ser uma semente de transformação e não um opressor, trazendo a informação que esteja ao alcance do aluno interpretar ou desenvolver novas habilidades. É importante lembrar que as respostas podem variar não só de criança

para criança, como também podem ser diferentes em um mesmo dia ou ainda de um dia para outro e manter o autista por dentro do que irá fazer, antecipando algumas situações possíveis de algum estresse ou evitando, pode ajudá-lo a se sentir menos ameaçado com comportamentos inesperados e se organizar.

Segundo Cunha (2016b, p. 29) “As rotinas precisam ser quebradas quando fomentam atitudes prejudiciais. Ao mesmo tempo em que é importante mantê-las, é importante mudá-las, pois as mudanças fazem parte da vida cotidiana.”

O desempenho de uma criança autista depende muito do seu nível de comprometimento, alguns irão conseguir acompanhar sem a necessidade de uma atenção individualizada. O professor consegue distinguir as características peculiares de cada criança, o mesmo que explora o lúdico de diversas maneiras, possibilita o aluno a interagir com a sociedade, por meio de brincadeiras e jogos concretizando atividades que contribuem no seu desenvolvimento.

Relatos de autistas produtivos que mencionavam sua incapacidade de ver um objeto por inteiro ou como um todo de uma só vez. Ele poderia ver um galho, porém não uma árvore inteira de forma coesa e espontânea. Obviamente, tal incapacidade de transferência de atenção agrava a habilidade em iniciar e manter relações sociais, pois a informação social acaba por se dissipar, por causa da sua incapacidade de coordenar a atenção, o que afetaria inclusive, o desenvolvimento da linguagem. (ORRÚ, 2012, p.109)

## **2. Atividades lúdicas e ações docentes adequadas para o desenvolvimento de crianças autistas.**

O desenvolvimento é um processo de dentro para fora, o mesmo nos traz a possibilidade de conhecimento e realização. Não há respostas prontas para todas as questões educativas, o autista aprende, age e pensa diferentemente, a partir de um olhar sensível através do aluno que o professor pode estabelecer o seu trabalho e vir descobrir quais recursos utilizar, sempre com o intuito de priorizar a comunicação, mediar às brincadeiras entre os alunos com linguagem clara e simples, a fim de visualizar o interesse dos alunos apoiado em músicas, jogos, livros, computador e outras tecnologias.

O brincar promove o desenvolvimento da criança, ele é o melhor caminho para acompanhar os avanços do processo cognitivo na infância, através da brincadeira estamos estruturando seu pensamento, habituando-a no grupo social, ensinando a respeitar regras e diferenças, o ato lúdico auxilia de forma saudável e através dele deixa-se de lado a deficiência e lembra-se que criança precisa apenas ser criança, sendo assim os educadores devem ter cuidado ao oferecer momentos e espaços lúdicos às crianças com algum transtorno para não deixar o preconceito influenciar ainda que sem intenção.

A criação de uma situação imaginária não é algo fortuito na vida da criança; pelo contrário, é a primeira manifestação da emancipação da criança em relação às restrições situacionais. O primeiro paradoxo contido no brinquedo é que a criança opera com um significado alienado numa situação real. O segundo é que, no brinquedo, a criança segue o caminho do menor esforço – ela faz o que mais gosta de fazer, porque o brinquedo está unido ao prazer – e ao mesmo tempo, aprende a seguir os caminhos mais difíceis, subordinando-se a regras e, por conseguinte renunciando ao que ela quer, uma vez que a sujeição a regras e a renúncia a ação impulsiva constitui o caminho para o prazer do brinquedo. (VYGOTSKY, 1998, p. 130)

O lúdico é uma influência para o desenvolvimento do autista, eles são capazes como qualquer outra criança de construir seus próprios conhecimentos, apenas se manifestam de diferentes maneiras na sua percepção de mundo. São pessoas com particularidades únicas e por isso precisam de uma aprendizagem diferenciada em um ambiente estimulador.

É preferível que o professor privilegie atividades que valorizem as capacidades da criança autista e não suas dificuldades. E como saber? Através da observação, que se resume no melhor exercício para um professor, é preciso saber observar e conhecer o aluno, estabelecendo prioridades e avaliando, não no sentido de atribuir valores ao que a criança autista consegue fazer, mas sim compreender o seu comportamento diante de instrumentos utilizados no processo de ensino e aprendizagem, os jogos para

trabalhar as questões de desafios e funções simbólicas, desenhos são muito expressivos para observação do vínculo afetivo e interesses.

Como dito anteriormente, o desempenho varia de criança para criança autista, assim o professor não deve criar expectativas, dado que pode se desgastar ou sentir-se incapaz com algumas frustrações causadas por esses alunos, o que é totalmente normal, nem tudo que for oferecido será aceito de forma absoluta, mas com dedicação ganhará a confiança do mesmo, acima de qualquer coisa é necessário a comunicação entre professor e aluno.

No autismo é comum indivíduos com extremas limitações na linguagem. Será preciso criar mecanismos que facilitem a comunicação com eles. Existem procedimentos pedagógicos que podem ser utilizados nesses casos: cartões com imagens ou figuras, música, contatos sensoriais poderão ser de grande valia. (CUNHA, 2016b, p.68)

É preciso lembrar que as atividades devem ser iniciadas com um nível mínimo de atenção e tempo, aos poucos, o professor pode estabelecer um tempo maior dentro das possibilidades para que toda atividade iniciada seja finalizada, e no meio destas estimular e aumentar o repertório verbal dessa criança, através da combinação ação e palavra, contextualizando temas interativos entre os alunos para associação do ensino à prática.

Materiais sensoriais ajudam o autista a manter sua atenção em determinada proposta, estes objetos não são atrativos por conta da sua função, mas sim pelo estímulo que promovem, por exemplo, seqüenciar números no quadro pode não fazer sentido algum para ele, mas contar brinquedos vinculando quantidade e número facilita o seu entendimento, a matemática ligada ao concreto.

Através do brinquedo pedagógico, sendo ele rudimentar ou refinado, pode ser empregado diversas disciplinas, botões, jarros, blocos lógicos, material dourado, feijão, pinça, quebra-cabeça, jogo da memória, livros sensoriais, todos esses são exemplos de recursos que podem ser utilizados para o desenvolvimento da escrita, do raciocínio, lateralidade, espaço, tempo e da afetividade.

Segundo Cunha (2016b, p. 112) “O afeto é motor da amizade, que leva à cooperação e à interação social. Quando existe a cooperação, existe a inclusão. A classe deixa de ser apenas soma de indivíduos e passa ser uma sociedade.”

É ideal que todos aprendam a trabalhar em grupo, principalmente a turma com o aluno autista, o incluindo e adquirindo confiança. No início será necessária grande interferência do professor para mediar às situações e ensinando exatamente o que fazer, mas com o tempo ele irá perceber que com a ajuda dos amigos seu objetivo será concluído com mais facilidade e tal sensação traz a confiança desejada.

É normal a pessoa com autismo tentar esquivar-se para fugir ou até irritar-se para não fazer o que é pedido. É importante que a atitude do educador não valorize essas reações, mas redirecione de forma lúdica e pacífica a situação. Toda atitude que seja prejudicial deve merecer uma investigação para a descoberta dos motivos que a desencadearam. (CUNHA 2016b, p.119)

O afeto é o maior condutor de atenção, o professor colaborativo socializa o saber produzido e a criança aprende muito mais na ausência do medo e com autonomia do que está sendo feito. Os materiais que possibilitam um contato com diferentes formas como largura, profundidade, textura, peso e tamanho, sendo eles o lápis de cor, massinha, tinta ou peças, liberam a tensão dos alunos no momento da atividade pedagógica.

Segundo Orrú (2012, p.160) “O educar propicia o trilhar e o construir de um processo que vai sofrendo transformações intensas até constituir suas características peculiares, considerando o contexto e a individualidade de cada um.”

### **3. O lúdico interfere positivamente no desenvolvimento da criança autista.**

Existem diversas práticas que auxiliam no desenvolvimento e o lúdico interfere positivamente com a realização de jogos, brincadeiras e atividades pedagógicas como ferramentas de mediação para os alunos. Elevados são os estímulos causados nesses momentos, sejam eles em grupo ou individual.

O artigo foi composto através de uma pesquisa de campo, realizada através de um questionário na internet. Consiste em treze perguntas relacionadas sobre o autista na escola regular de ensino, o mesmo foi respondido por vinte e oito profissionais que atuam na área da educação.

O questionário foi respondido por professores atuantes de um a vinte e cinco anos na área da educação. Dos 28 entrevistados, 14 trabalham com a educação infantil, 9 com ensino fundamental e outros 3 em diferentes modalidades, sendo 1 específica na educação especial.

Dos entrevistados, 21 atuam com autistas de 0 a 5 anos, 5 pessoas com autistas 5 a 10 anos e nenhuma pessoa trabalha em um período maior de 10 anos, afinal o autismo não era um transtorno bem esclarecido.

O conhecimento a respeito do autismo aconteceu no contato com o primeiro aluno para 12 entrevistados. Já outros 12 entrevistados o conhecimento surgiu na faculdade/formação de professores através de algumas disciplinas que abrangem o assunto, apenas 2 pessoas conheceram por meio de livros/internet.

Em relação à formação continuada para atuar com as crianças (alunos) autistas 8 fizeram e 19 não fizeram.

Além da formação continuada 18 buscam outras formas para maior conhecimento sobre o autismo e 8 não buscam outros meios para isto.

Em termos práticos, é trazer para o campo da educação o interesse e o amor dos atores da escola. Um aluno que ama aprender aprende melhor: um professor que ama ensinar, ensina melhor. Porém, não podemos nos iludir achando que basta amar para ser bom professor. Antes, se eu amo, eu estudo, eu pesquiso, eu trabalho e, desta forma, adquiero os instrumentos mediadores essenciais ao exercício docente. A carga de amorosidade que está em mim me faz ser um aprendiz do saber para exercer com equidade o meu ofício. A carga de amor que está em mim me faz interessado e responsável em descobrir alternativas nos processos de ensino e aprendizagem. Igualmente a carga afetiva do aluno o faz irromper a lugares ainda desconhecidos de aprendizagem e saber. (CUNHA, 2016a, p.132)

A maior dificuldade enfrentada na rotina da inclusão do autista na escola foi a formação adequada dos professores para atuarem na área, opção citada por 17 dos entrevistados, seguido da falta de conhecimento da família sobre o assunto com 9 e por último 2 pessoas alegam que é o preconceito e exclusão.

Todos os 28 entrevistados afirmam que a educação inclusiva ajuda no desenvolvimento da relação social do aluno autista com os demais alunos da classe

Sobre os demais alunos na classe possuírem conhecimento sobre o que é o autismo e que há um aluno em sua classe que é autista, 12 responderam que sabem e 16 responderam que não.

Respondendo aos questionamentos de como ocorre/ocorreu a relação da turma com a criança autista na sala de aula, 6 responderam de maneira regular, 14 alegam que se mantêm boa relação e 7 pessoas afirmam que é muito boa.

27 pessoas relataram ser importante o acesso ao diagnóstico e conhecimento do grau do autismo para o desempenho do trabalho pedagógico.

Em pauta sobre os pais oferecerem suporte de informação como, por exemplo, comportamentos sobre o filho autista para o melhor desempenho no trabalho escolar 16 responderam que sim e 11 que não.

Foi perguntado sobre a educação inclusiva inicial até o tempo atual na classe, se foi perceptível algum avanço de melhoria no comportamento e a relação social do aluno autista, 26 responderam que sim e 1 pessoa que não.

O lúdico foi considerado importante para o desenvolvimento do autista por todos os 28 entrevistados.

A música foi escolhida por 2 entrevistados como uma prática educativa que contribui para o desenvolvimento do aluno autista e os jogos foram escolhidos por 20 pessoas como uma prática fundamental. Também tivemos 6 pessoas que indicaram outras maneiras.

## **CONSIDERAÇÕES FINAIS**

Por tudo que foi manifestado neste artigo, é possível compreender que para a inclusão acontecer de fato, são necessários métodos e práticas pedagógicas adaptadas para atender a criança autista. É preciso garantir o direito a educação de qualidade onde à escola ofereça orientação para as famílias e auxilie o professor a promover a ludicidade, tendo o aluno como foco principal de suas ações, incluindo em seu planejamento brincadeiras e jogos presentes em seu dia a dia. A fim de contribuir positivamente para adquirir resultados nas suas aprendizagens significativas.

Relacionado aos professores, é notório como a presença de um adulto mediador/avaliador conforme modelo e incentivo, leva a criança autista a explorar novas formas de brincar, sem dúvidas maiores exigências recaem sobre os professores, de forma que muitos responsáveis são a favor do ensino conteudista e esquecem a importância de momentos felizes que as crianças devem ter dentro do ambiente escolar. As sensações para crianças autistas são como se estivéssemos em um engarrafamento de trânsito, onde todos querem passar, mas não há vias suficientes para isso sem ter organização, vimos à importância do ordenamento e explicação para elas, caso contrário geramos frustração e desorientação.

O estudo pôde apresentar o prazer que o lúdico traz para as crianças, além da proposta de um atendimento mais humanizado e sensibilizado para as particularidades que o autista apresenta: Um jeito diferente de aprender e ensinar.

## REFERÊNCIAS

BRASIL, CONSTITUIÇÃO DA REPÚBLICA FEDERATIVA DO BRASIL. Brasília, DF: Senado Federal, 1988. Disponível em: 06/05/2019.

\_\_\_\_\_. Lei nº 12.764, **Política Nacional de Proteção dos Direitos da Pessoa com Transtorno do Espectro Autista**, Presidência da República. Casa Civil, Subchefia para Assuntos Jurídicos. Disponível em: [http://www.planalto.gov.br/ccivil\\_03/\\_ato2011-2014/2012/lei/l12764.htm](http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2011-2014/2012/lei/l12764.htm) Acesso em: 16/06/2019.

CUNHA, Eugênio. **Práticas Pedagógicas para inclusão e diversidade**. 6ª edição. Rio de Janeiro: Wak Editora, 2016a.

\_\_\_\_\_. **Autismo na escola: um jeito diferente de ensinar, ideias e práticas pedagógicas**. 5ª edição. Rio de Janeiro: Wak Editora, 2016b.

\_\_\_\_\_. **Autismo: Ideias e práticas inclusivas**. Disponível em: <https://www.eugeniocunha.com/arquivos/documents/8460-autismo-site.pdf> Acesso em: 20/05/2019.

FRIEDMANN, Adriana. **O desenvolvimento da criança através do brincar**. São Paulo: Editora Moderna. 2006.

MACEDO, Lino; PETTY, Ana Lúcia Sícoli; PASSOS, Norimar Christe. **Os jogos e o lúdico na aprendizagem escolar**. Porto Alegre: Artmed, 2005.

ORRÚ, Sílvia Ester. **Autismo, linguagem e educação: Interação social no cotidiano escolar**. 3ª edição. Rio de Janeiro: Wak Editora. 2012.

ROLIM, A; GUERRA, S; TASSIGNY, M. **Uma leitura de Vygotsky sobre o brincar na aprendizagem e no desenvolvimento infantil**. Disponível em: [http://brincarbrincando.pbworks.com/f/brincar%20\\_vygotsky.pdf](http://brincarbrincando.pbworks.com/f/brincar%20_vygotsky.pdf) Acesso em: 13/06/2019.

